

## SINAIS LIBERADORES EM PESQUISAS (AUTO)BIOGRÁFICAS COM ESTUDANTES SURDOS/SURDAS EM SALVADOR-BAHIA: INTERPRETAÇÕES PRELIMINARES

Alex Sandrelanio dos Santos Pereira<sup>1</sup>

*Resumo:* Este trabalho apresenta-se num duplo objetivo: por um lado vislumbrar o enlace entre os métodos (auto)biográficos e os estudos surdos e, por outro, utilizar uma técnica metodológica biográfica para compreender se é possível (ou não) aplicá-la em sujeitos marcados pela surdidade, já que os construtos teórico-metodológicos da (Auto)biografia, a narração oral e a escuta dialógica são pares indissociáveis. A metodologia empregada é qualitativa e usando a técnica dos ateliês autobiográficos (DELORY, 2006) com estudantes surdos/surdas do terceiro ano no Ensino Médio da Associação Educacional Sons no Silêncio. Resultados preliminares apontam que a escola bilíngue e a língua de sinais são centrais e marcam o processo do “eu” aprendente, mas que narrativas outras são suscitadas e apresentadas. Conclusões temporárias a serem apresentadas aqui se relacionam ao caráter inicial desta pesquisa, que as transcrições das sinalizações do vídeo-narração ainda não compõem essa comunicação em razão de estarmos nos primeiros momentos da aplicação da técnica, mas que, baseando-se nos resultados preliminares aqui apresentados, esse enlace será muito promissor para ambos os campos por seu caráter de *formabilidade* ser uma oportunidade de quebra de narrativas hegemônicas.

*Palavras-chave:* Autobiografia. Ateliês. Línguas de Sinais. Surdidade. Ouvintismo.

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Orientadora: Profa. Dra. Lícia Maria de Lima Barbosa. Endereço eletrônico: [lbarbosa@uneb.br](mailto:lbarbosa@uneb.br).

## SINALIZANDO O ENLACE

Diversos são os trabalhos que tematizam o Ser Surdo engendrado em narrativas amplas da pessoa com deficiência e/ou da diferença<sup>2</sup> pela qual a língua de sinais, que no caso brasileiro é a Língua Brasileira de Sinais – Libras, é a constituidora da subjetividade, portanto, da *Surdidade* (PADD, 2013) da pessoa surda em oposição/contradição a narração colonizadora do mundo ouvinte em traduzir o mundo surdo pelo viés etnocêntrico, que nos estudos culturais surdos foi denominado por *Ouvintismo* (SKLIAR, 1997).

Embora compreenda e assuma perspectivas mais amplas de narração como um dispositivo de enfrentamento coletivo para (re)significar processos de desumanização historicamente centrado na imposição da língua oral, este trabalho vislumbra utilizar a metodologia (auto)biográfica como dispositivo de *formabilidade*.

*Deslocando* a surdidade em surdidades, numa quebra da história única ordenando e produzindo subjetividades surdas pelos perigos que isso representa, como nos convidou a pensar Chimamanda Ngozi Adichie (2019), para pensarmos múltiplas narrativas, portanto, diversidades de histórias e de subjetividades.

Sendo assim um movimento para reassumir sua autoria do/no mundo, tomando consciência da sua singularidade-pluralidade enquanto ator da sua vida.

Como estratégia de aproximação entre o leitor e o mundo de visualidade que a língua de sinais nos convida a experienciar os tópicos foram forjados com essa intencionalidade.

---

<sup>2</sup> A opção analítica desse texto é pela dimensão socioantropológica do Ser Surdo. Mesmo compreendendo o vigor existencial da visão clínico-médica, sua dimensão (anti)simbólica não será fortalecida nesse texto além dessa nota.

É neste sentido que, no “Mãos rebeladas”, brevemente situo o campo dos estudos surdos enquanto uma narrativa política mais geral em prol da língua de sinais; para o “Mãos a despertar” apresento a configuração da narrativa-de-si enquanto uma insurgência às macrosnarrativas; no “Visualizando um afluente metodológico” descrevo, minimamente, as adaptações necessárias para a técnica dos ateliês autobiográficos; em “Sinais-de-si” a discussão dos resultados preliminares em um alcance provisório; finalizando com “Sinais do projeto-de-si” com uma conclusão em percurso em véspera do amanhã.

## **MÃOS REBELADAS**

As mãos e os olhos nos construtos teóricos do ser surdo são marcadores de identidade da pessoa surda porque são esses artefatos culturais linguísticos que possibilitam as pessoas surdas constituírem (se constituindo) o mundo que as cercam (STROBEL,2009). É através destas mãos que as pessoas surdas vêm contestando o império do modo ouvinte de narrar e perceber o mundo como se fosse similar para as pessoas surdas.

O surgimento das línguas de sinais se dá no processo de interação entre pessoas surdas; e seu estatuto científico iniciou-se com os estudos de Stokoe, linguista americano que pesquisou em comunidades surdas na década de 60, impressionado com a forma como a língua de sinais americana oportunizava as pessoas surdas a compreenderem e intervirem no mundo a sua volta.

Isso acontece, como bem descreveu Karen Strobel (2018), porque essa língua é um artefato cultural das comunidades surdas, inventadas no complexo jogo de interações simbólicas entre as pessoas surdas, possibilitando que os conhecimentos de mundo sejam mediados entre seus pares linguísticos.

Vale ressaltar que a ONU, desde a década de 80, vem defendendo a importância do reconhecimento das línguas de sinais com o mesmo *status* das línguas orais e que somente em 2002 o Estado Brasileiro fez esse reconhecimento (resultado de muitas lutas da comunidade surda brasileira).

A ampliação desses movimentos sociais surdos no Brasil pode ser pensada a partir do reconhecimento, pelo Estado brasileiro, de que a forma como a comunidade surda brasileira se comunica e se expressa é uma língua (Lei 10.436/2002), cuja regulamentação é orientada pelo Decreto 5.626 de 2005.

O mencionado decreto é o primeiro dispositivo legal que vai apontar a necessidade de pensar a formação acadêmica objetivando a qualidade dos processos pedagógicos de prestação educacional a pessoas surdas, determinando que as instituições de ensino superior insiram o componente curricular Libras (Língua Brasileira de Sinais), como disciplina obrigatória nos cursos de Licenciatura e Fonoaudiologia, podendo ser optativa ou obrigatória nos demais cursos universitários, inaugurando outra forma de articular inclusão educacional.

A inclusão da pessoa surda é reivindicada pelos movimentos surdos através das escolas e classes bilíngues, defendendo que 95% das pessoas surdas são filhos e filhas de pais e mães ouvintes não usuários/as da Libras, o que impede o desenvolvimento sociolinguístico destas pessoas, se não tiverem uma educação de qualidade em que a Libras seja sua base instrucional e língua materna (SKLIAR, 1997).

Embora o cerne esteja na língua de sinais, a educação bilíngue das pessoas surdas envolve um emaranhado de conceitos, construídos ao longo do tempo, assim como implica o deslocamento de pessoas surdas (crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos) para buscarem escolas que possam oferecer proposições e serviços educacionais específicos, o que leva muitas famílias a abandonarem suas comunidades para

buscarem esses serviços (geralmente disponibilizados em grandes centros urbanos).

O problema dessa concepção não é a luta política da comunidade surda por uma educação específica e de qualidade voltada para a pessoa surda que tenha a Libras como língua de instrução, mas a construção hegemônica de uma única possibilidade de inclusão educacional desses sujeitos que, obrigatoriamente, esteja vinculada à educação escolar e como esse dispositivo engendra ordenações subjetivas serializadas.

É importante ressaltar que os Estudos Surdos, em suas diversas abordagens teóricas e disciplinares, realizaram um deslocamento importante no reconhecimento do ser surdo enquanto ser sociocultural centrado na língua de sinais (PERLIN, 1998; QUADROS, 2008; REBOUÇAS, 2009), que o Estado brasileiro reconheceu na Lei 10.436/2002.

Que é a partir da Libras que se traça a história da educação da pessoa surda no Brasil; um conceito bastante consolidado nos estudos surdos o qual narra o surgimento da Libras com a chegada de um surdo francês, em meados do século XIX, fundando o que hoje é conhecido como Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES.

Outro ponto importante que reforço e para o qual chamo atenção é a compreensão de inclusão educacional centrada no bilinguismo, ou seja, a Libras enquanto língua de instrução, e o Português na sua modalidade escrita, como sendo a segunda língua que vem mobilizando a comunidade surda brasileira para que o Estado brasileiro não feche as escolas bilíngues existentes, como a marcha à brasileira, ocorrida em 2011, manobra política descrita em um artigo publicado em 2014 pelas surdas Ana Campelo e Patrícia Rezende (CAMPELLO; REZENDE, 2014, p.78).

Esses pilares, Libras e bilinguismo, são aspectos fundamentais para promover uma inclusão educacional concatenada com os movimentos socioeducacionais de pessoas surdas no Brasil.

Não é por acaso o enfrentamento entre as pessoas com deficiência para definir o que seja inclusão educacional dentro deste modelo civilizatório colonial; e, na luta contra esse sistema-mundo, diversas categorias analíticas que se façam necessárias, surgem.

Entre as diversas categorias analíticas que os Estudos Surdos produziram para ler a realidade sociocultural, na disputa em que vivem com os ouvintes, duas são aqui ressaltadas para a compreensão do projeto: Ouvintismo e Surdidade.

A categoria analítica “Ouvintismo” foi desenvolvida nos construtos teóricos do professor Carlos Skliar, cujo objetivo foi descrever práticas colonialistas dos ouvintes que levam aos surdos a narrarem-se como se ouvintes fossem (SKLIAR, 1998, p. 15). Já a categoria “Surdidade” foi desenvolvida pelo pesquisador surdo Paddy Ladd, para situar a construção sócio-histórica do ser surdo existencial como um “ser-no-mundo” (LADD, 2013, p.28).

Essas duas categorias me são úteis no processo de realização da pesquisa autobiográfica, na interpretação de dados, a partir desse par analítico, não como uma navalha para cortar e deixar dados, mas para analisar como essa relação surdo-ouvinte, ouvinte-surdo, surdo-surdo se constitui na narração de estudante surda/surdo em comunidades escolares bilíngues, como é o caso da Associação Educacional Sons no Silêncio - AESOS.

Que outras micronarrativas são evocadas entre os estudantes surdos/surdas de uma escola bilíngue? Que método possibilita o resgate da narração da margem, da periferia, do microcosmo autoral e, no/pelo percurso de dizer os sinais, o próprio sujeito fosse capaz de ordenar e dar sentido a eles?

Por isso a minha escolha por uma metodologia que evocasse essas “mãos” para o despertar de *memórias em disputa* (POLLAK, 1989).

## MÃOS A DESPERTAR

As perspectivas teórico-metodológicas (Auto)biográficas são apresentadas neste trabalho como uma alternativa metodológica e, ao mesmo tempo teórica, aos modelos de pesquisa em Ciências Humanas que evidenciam as construções identitárias coletivas das grandes narrativas estruturais, consolidadas em categorias analíticas amplas, impossibilitando perceber os movimentos singulares do sujeito e/ou micro-sociohistóricos de sujeitos com marcadores sociais interseccionalizados.

É nessa dimensão que a subjetividade singular surda é atribuída enquanto um valor de conhecimento em si, diante de um processo heurístico específico em que a pessoa surda ao narrar-se, ao confrontar-se com outras narrativas aparentemente similares à sua, edita e (re)organiza sua narração.

Vale salientar que a opção teórico-metodológica adotada nessa pesquisa é por uma materialidade (auto)biográfica em que os dados são obtidos através de ateliês (melhor explicado no tópico “Visualizando afluente metodológico”) e, portanto, os dados são produzidos na interação sujeito surdo - pesquisador ouvinte, mesmo que a predominância seja de sujeito surdo - sujeito surdo.

A informação acima citada não é para afirmar uma dicotomia entre suposta existência entre materialidade primária (dados obtidos pelo pesquisador em interação direta com os sujeitos) e materialidade secundária (dados obtidos através de diários, cartas, jornais, contos, livros, correspondências, documentos e de variadas possibilidades), porque não me filio a tal divisão se esta for um enquadramento de suposta tentativa de objetividade de um método de construto tradutório.

É relevante somente na medida da elaboração heurística da narração que esses lugares-sujeitos sejam evidenciados pelo narrador em

relação ao observador, na busca de ordenação dessa comunicação recíproca.

A narrativa-de-si que buscamos não é um monólogo dos fatos ditos diante de um ou mais observador, mas sua ordenação, edição, recorte, reelaboração e apropriação consciente de sua autoria. Portanto, é um sujeito em diálogo consigo tramado em um tecido social do qual faz parte.

Embora a *formabilidade* seja uma perspectiva teórico-metodológica pensada a partir da formação de professores/as, portanto, diante de corpos adultos, o deslocamento deles/as para uma educação também mediada pelos sujeitos aprendentes nos parece possível, por entendermos que a divisão binária entre ser professor/a e estudante é permeada de inversões desses papéis na prática educativa, conforme os construtos freirianos.

Essa *formação* é compreendida através de dois referenciais: o primeiro é o processo em si mesmo e o segundo é o resultado adquirido:

A palavra formação apresenta uma dificuldade semântica, pois designa tanto a atividade no seu desenvolvimento temporal, como o respectivo resultado. Designando o nosso objeto de investigação pelo próprio conceito de processo de formação, indicávamos mais claramente que nos interessávamos pela compreensão da atividade. Todavia, mantém-se uma ambiguidade, à medida que o conceito utilizado não permite distinguir a ação de formar (do ponto de vista do formador, da pedagogia utilizada e de quem aprende) da ação de formar-se. (JOSSO, 2010, p. 61).

O que nos interessa mais na abordagem teórico-metodológica da (Auto)biografia é que narração biográfica não é uma perspectiva de narrativa de vida, como tradicionalmente resulta de uma contagem cronológica de uma vida individual, mesmo que enlaçada em uma



hermenêutica genericamente social, mas a decorrência de um processo de reflexão em etapas, em passos de uma trajetória que passa a ter sentido processual de vida.

Em cada passo sendo interpretado e iniciando novas interrogações do amanhã-devir do sujeito, implicado com seus processos aprendentes, inclusive, definindo-os enquanto ator/autoria, visualizando a sua participação ativa, num comprometer-se continuamente com esse processo de reflexão, orientando desejos compreensivos de si.

É na força investigativa/formativa que acreditamos na hermenêutica das narrativas-de-si/história de vida consciente como um potencial pedagógico na construção de conhecimentos.

Faz-se importante lembrar que em sociedades africanas e indígenas a narração se constitui como parte instrumental da cultura, da organização do pensamento-aprendente e que em sociedades ocidentalizadas como a nossa foi perdendo seu vigor em nome de uma racionalidade monológica e, recentemente é que ela volta, numa abordagem teórico-metodológica crítica as mega narrações, de forma individual-coletiva.

Será isso parte de um projeto crítico situado em uma temporalidade onde o sujeito individual é conclamado a ser conscientemente parte do neoliberalismo e a responsabilização privada do seu desemprego, ou é uma força de retomada da agência criadora do sujeito não identificado nas teorias sociológicas das Ciências Humanas?

Para nós não interessa a vulnerabilidade divisória que a individuação (ou individualização?) provoca e nem tão pouco o discurso alienante que mutila o sujeito-criador o transformando em criatura, mas, inventariar estratégias em que tais perspectivas sejam refletidas, rasuradas e contaminadas por quem produz o conhecimento em coletividade.

Ocupa-se também de aproveitar esse potencial pedagógico porque ao narrar suas experiências e visualizar as experiências dos outros (heterobiografias) elas se tornam tão significativas na compreensão dos acontecimentos, inclusive, (re)editando e dando sentido a narrativa-de-si; fortalecendo assim a reflexão processual das identidades, na quebra hegemônica das cristalizações em formas fixas.

A experiência (pensada aqui a partir do momento que toma consciência do vivido) é enlaçada numa rede de significações de práticas sociais interindividuais, o que nos levar a interpretar esse processo de *formabilidade* importante na construção da “realidade” social e da socialização.

Narrar essas experiências vivenciadas, com significância interpretativa contextualizada, coloca-nos diante do tecido social discursivo, em que a razão/emoção, real/ficção, concreto/abstrato, mente/corpo, literal/simbólico não são pares binários e antagonicos, mas constitutivos do corpo encarnado que enuncia, no caso específico aqui, uma tomada consciente de sua narração de aprendente, partícipe consciente de um projeto-de-si.

Esse processo consciente não brota de forma espontânea, mas da reflexão constante em busca do reencontro do traçado linear e progressivo em que o curso da vida é concebido, narrando palavras e não fatos.

É nesse sentido que optamos pelos ateliês biográficos desenvolvidos pela pesquisadora Christine Delory-Momberger (2006) por entendermos que ao narrar sua história de vida é possível lidar com uma complexidade de informações, contradições, indefinições, cotidianidades plurais com as quais precisamos tecer conexões e sentido, definindo os papéis sociais, editando, (re)editando e assumindo o protagonismo dessa narratividade porque “...nós não fazemos a narrativa de nossa vida porque nós temos uma história; nós temos uma história

porque nós fazemos a narrativa de nossa vida” (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 363).

Nesse sentido é que a técnica dos ateliês biográficos nos parece adequado e possível de ser aplicado com estudantes surdos/as do 3º ano do Ensino Médio, ainda que a autora recorte com profissionais formados ou estudantes universitários.

Para a autora o ateliê biográfico possibilita apresentar a dimensão construtora do relato da experiência dos sujeitos envolvidos, sendo, portanto, um procedimento de *formabilidade* de um projeto de si em aberto, em que as dimensões da temporalidade se ligam a horizontalizar uma perspectiva de futuro imbricado com o sujeito-projeto.

As etapas propostas são seis e os sujeitos participantes são previamente informados sobre elas.

Todas essas etapas serão descritas no tópico seguinte deste trabalho que foi denominado “Visualizando um afluyente metodológico” no sentido de que envolverá sujeitos marcados pela *surdidade* e sua língua visual.

## **VISUALIZANDO UM AFLUENTE METODOLÓGICO**

A metodologia usada é qualitativa, usando a corrente teórico-metodológica da pesquisa (auto)biográfica, aplicando a técnica dos ateliês biográficos com estudantes surdos/as do 3º do Ensino Médio da Associação Educacional Sons no Silêncio.

O primeiro encontro, em respeito ao bilinguismo que os atravessa, as informações sobre o que seriam os encontros, os procedimentos a serem tomados e os objetivos foram entregues por escrito e traduzidos em Libras por uma profissional tradutora e intérprete de Libras da Instituição.

No segundo encontro, iniciamos o processo de elaboração das regras do nosso ateliê, entre elas, que a produção individual da narração não fosse compartilhada antes do nosso próximo encontro, pois, queríamos garantir que o processo de socialização fosse coletivizado e mediado; e reafirmamos os objetivos do procedimento, como parte integrante do nosso contrato biográfico.

Nesse momento, orientamos para o nosso terceiro encontro, pedindo que narrassem sua trajetória escolar no tempo, com as principais pessoas, acontecimentos, momentos felizes e tristes dessa sua caminhada em vídeo (os/as participantes são sinalizantes e a língua escrita é uma segunda língua em processo de decodificação, portanto, o vídeo-história de vida é a única possibilidade de registro) e nos enviassem. Essa etapa foi concluída a tempo para essa comunicação.

Os encontros seguintes (4º, 5º e 6º), respectivamente a socialização (fase em que farão a apresentação aos/as participantes, sendo por eles/elas inquiridos/as); (re)elaboração discursiva-individual e provocados/as a acrescentar como será daqui a 2 anos, 4 anos, 9 anos; finalização do projeto em que há nova socialização e percepção de mudanças ocorridas pelo processo de *formabilidade*. Essas etapas já aconteceram, mas suas análises ainda não foram concluídas para que fossem trazidas aqui nessa comunicação.

## **SINAIS-DE-SI**

Em “Sinais-de-si” apresentaremos uma discussão dos resultados preliminares nas duas primeiras etapas e a visualização do vídeo encaminhado ao pesquisador: do primeiro e do segundo encontro.

A apresentação da proposta dos ateliês biográficos foi bem aceita, e provocou perguntas sobre a necessidade ou não de utilizar fotografias,

imagens na apresentação, se era uma proposição empregada entre eles ou haveria mais pessoas na etapa de apresentação.

Fizemos uma exposição de como seria e explicamos passo a passo como pensamos o procedimento; nesse percurso optamos pela presença de um profissional intérprete de Libras da instituição (mesmo sendo este professor-pesquisador falante da Libras), para maior garantia de que os objetivos dos ateliês biográficos estavam sendo compreendidos, embora saibamos que é no procedimento que essa

No segundo encontro, antes de iniciarmos, fomos interpelados com diálogos do tipo “eu não lembro de todos os fatos”; “eu esqueci de muitas coisas” e, entre eles/elas, “você lembra de tudo?”. Também observamos que utilizavam as mãos em gestos de contagem, manifestando preocupação social em narrar os fatos da sua vida com precisão temporal, o que demonstra a dimensão social dos Sinais-de-si (narrativa-de-si; história de vida; biografia) e sua dimensão singular-plural.

No decorrer do encontro, fizemos alguns contratos para manter o vigor da pesquisa e seu caráter de formabilidade e ao final solicitamos que fizessem um vídeo em casa com foco em sua trajetória escolar até o momento presente, elegendo fatos importantes, pessoas, datas, emoções.

No vídeo-narração que nos enviaram (produção individual), a narrativa de sofrimento da escola inclusiva é denunciada em todas as narrativas, confirmando o campo teórico dos Estudos Surdos da inadequação da escola “inclusiva” em curso no sistema de ensino brasileiro.

Narrar os próprios acontecimentos da vida não é um processo fácil, principalmente quando é preciso socializar e refletir sobre eles!

Ainda percebemos o quanto o discurso é sociológico nas narrativas apresentadas e esperamos que com a complexização nas

narrativas e seu processo de heterobiografização outras narrativas mais singulares sejam evocadas.

## **SINAIS DO PROJETO-DE-SI**

Em provisoriidade podemos dizer que os ateliês biográficos são possíveis de serem conduzidos com pessoas surdas estudantes do Ensino Médio e que para isso é imprescindível que a língua de instrução seja a Libras (no caso aqui em que os/as participantes usam a Libras).

Como se trata aqui de uma conclusão em percurso em véspera do amanhã, este trabalho de pesquisa está em andamento com estudantes surdos/surdas da escola básica bilíngue em Salvador-Ba que, utilizando a técnica de ateliês autobiográficos; partindo dessa propositura, tencionase possibilitar que as narrativas de suas memórias e vivências sejam apresentadas em narrativas particulares, mas as margens do que as “oficiais” tendem a descrever e que, ao narrar-se com outros/as, essas vivências e memórias sejam dispositivos para engendrar novas representações de si, reassumindo o controle da sua criação, em pluriversos existenciais e, para nós pesquisadores/as da área, outras possibilidades interpretativas na urgência do amanhã imbricado com o sujeito ator/autor/desejo.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 2005. P. 28. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm)> Acesso em: 21 set. 2021.

BRASIL. Projeto de Lei nº 4909/2020. Altera a Lei nº 9.394/1996 para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. DF: Congresso Nacional, 2021. Disponível

em:<<https://legis.senado.leg.br/sdleggetter/documento?dm=8898907&ts=1624882023567&disposition=inline>> Acesso em: 21 set. 2021.

CAMPELLO, A. R.; REZENDE, P. L. F. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 71-92. Editora UFPR.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu. *Pesquisa Participante - O Saber da Partilha*. São Paulo, Editora Ideias & Letras 2006.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. *Educação e Pesquisa* [online]. 2006, v. 32, n. 2 [Acessado 4 Setembro 2022], pp. 359-371. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000200011>. Epub 21 Nov 2006. ISSN 1678-4634. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000200011>.

GUATTARI, G.; ROLNIK, S. *Micropolítica. Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1993.

JOSSO, M. C. Da formação do sujeito ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António; FINGER, M. (Org.). *O método (auto) biográfico e a formação*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

JOSSO, M. C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Educação*, v. 30, n. 3, 14 mar. 2008.

2021], pp. 193-207. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-4060.57234>>. ISSN 0104-4060. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.57234>.

NÓVOA, A. A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no projeto Prosalus. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). *O método (auto) biográfico e a formação*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

LADD, Paddy. *Em busca da surdidade: Colonização dos Surdos*. Lisboa: Editora Surd'Universo, 2013.

PERLIN, G.T.T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

QUADROS, R. M. de. *Educação de surdos: A aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

SKLIAR, C. (Org.). *Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 1997

